

DESCRIÇÃO DO DIALETO PELOTENSE E ESTUDOS ACÚSTICOS INTERDIALETAIS

PATRÍCIA PEREIRA MELCHEQUE¹; **PATRICK SILVA DE MATTOS**²;
MIRIAN ROSE BRUM-DE-PAULA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – patriciamelcheque@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – patrickdemattos87@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – brumdepaula@yahoo.fr*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa de iniciação científica vinculado ao projeto *Dinâmica dos movimentos articulatórios: padrões de vogais e consoantes líquidas do português brasileiro*. A pesquisa tem como principal objetivo descrever e analisar as vogais orais do dialeto Pelotense do ponto de vista articulatório e acústico.

O projeto possui duas faces: a teórica e a prática. Desse modo, realizamos (i) leituras teóricas sobre vogais (KENT e READ, 1992; THOMAS, 2011 e RAUBER 2008) durante os encontros do GRPESQ Emergência da Linguagem Oral, e (ii) cursos para manusear o software PRAAT e realizar plotagens. Assim, pudemos aprender como efetuar análises de cunho acústico. Os cursos ocorreram no Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO). A face prática do projeto ocorreu, também, por meio de coleta de dados, realizada com locutores de ambos os sexos, adultos, locutores de português, somente.

A fala não possui uma forma concreta, palpável, para ser analisada e, por vezes, a fonética acústica é vista como um campo laborioso, pois tem interfaces com áreas pouco presentes no curso de Letras como, por exemplo, a física e a fisiologia. No entanto, a tecnologia tem auxiliado nas pesquisas feitas na área, a título de exemplo citamos o PRAAT, que é um software livre utilizado para a análise e a síntese da fala. Graças ao acesso livre e gratuito desse tipo de ferramenta para a análise de dados acústicos, a fonética vem ganhando espaço e, cada vez mais, pesquisas têm sido desenvolvidas nesta área ou em áreas afins. Rauber (2008) indica diversas aplicações da fonética experimental. De fato, pode contribuir na área acadêmica, nos serviços públicos ou na iniciativa privada. Na área acadêmica, é de importante auxílio nos estudos sobre distúrbios de fala e aquisição de línguas estrangeira e materna. Na área de serviços públicos, subsidia a investigação de crimes que impliquem áudios ou gravações de voz a fim de identificar suspeitos ou auxiliar na transcrição de áudios ruidosos. Por fim, a fonética também auxilia na relação homem-máquina. Exemplo disso é a conversão de texto em voz, utilizada em gps ou em sistemas eletrônicos de mensagens de voz. Neste trabalho, a análise acústica é indispensável para as análises das produções coletadas e a extração de valores formânticos característicos dos segmentos vocálicos.

2. METODOLOGIA

Para a realização do trabalho, realizamos coletas de dados orais. Estabelecemos alguns critérios para a escolha dos 20 informantes do *corpus* coletado, buscando uma maior homogeneidade dos dados. O informante deveria ter entre 20 e 35 anos, não ter o domínio oral de outra língua, estar cursando ou

ter cursado o ensino superior e ser natural da cidade de Pelotas. O presente estudo dá conta de resultados obtidos nas produções de 4 locutores (dois homens e duas mulheres). No LELO, os informantes assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* e, em seguida, realizaram tarefas de produção linguística na cabine acústica do Laboratório, o que contribuiu para boa qualidade das gravações. Os registros foram feitos com um gravador digital (Zoon H4N) e um instrumento concebido para a coleta de vogais orais do Português Brasileiro (PB) cujo conteúdo era disponibilizado na tela de um computador. Tais coletas foram anexadas ao banco de dados VORAIS (Vogais Orais do extremo Sul do RS). Assim, os participantes liam frases em que as vogais alvo [i, e, ε, a, ɔ, o, u] se encontravam isoladas (*Eu digo - VOGAL - pra você*) ou constituíam logatomas (*Eu digo - LOGATOMA - pra você*). Foram descartadas produções atípicas em razão de ruídos ou erros de pronúncia.

Após a coleta, os dados foram segmentados e anotados no PRAAT. Para a segmentação, delimitamos (i) as bordas inicial e final das vogais e (ii) o ponto médio de cada vogal analisada. Por fim, extraímos os valores dos dois primeiros formantes - F1 e F2 - nesse ponto previamente estabelecido, conforme a Figura 1.

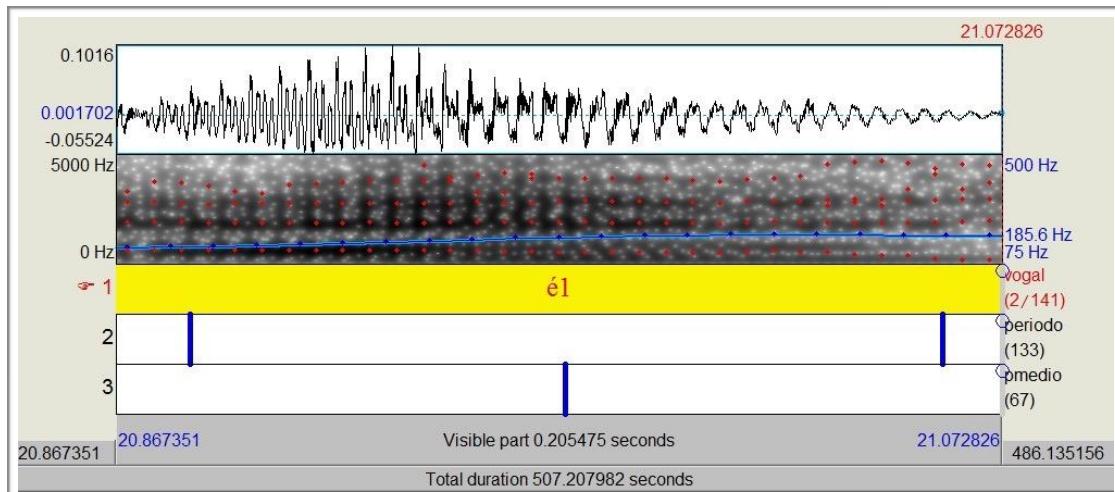


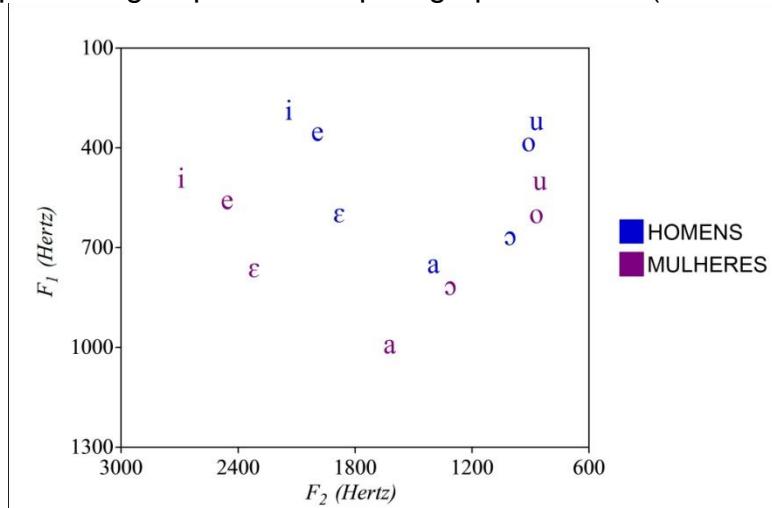
Figura 1: Tela do software PRAAT comportando a vogal isolada [ε] e os procedimentos realizados.

Enfim, efetuamos tabelas com os valores das médias de F1 e F2 das vogais orais produzidas e das vogais orais extraídas de estudos de outros dialetos brasileiros. Estes foram, posteriormente, empregados para a realização de plotagens contendo a dispersão das vogais orais - isoladas e em contexto - presentes no corpus coletado e nos trabalhos acadêmicos selecionados. As comparações entre os dialetos foi efetuada com base nesse material.

Na sequência, por questões de espaço, reportaremos somente a comparação interdialetal relativa aos dialetos da região sul e capixaba. Para a realização desse estudo, empregaremos os valores de F1 e F2 (i) das vogais isoladas do dialeto pelotense, (ii) da pesquisa realizada por Rauber (2008) - que inclui vogais orais - em contexto - coletadas com informantes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e (iii) do estudo de Miranda e Meireles (2012), que investigou o sistema vocálico do dialeto capixaba.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Figura 2 contém a plotagem das vogais isoladas produzidas por informantes de Pelotas. Como pode ser observado, o espaço vocálico do grupo do sexo masculino (em azul), no que diz respeito às vogais isoladas, é mais reduzido: as vogais são pronunciadas com menor abertura e de modo mais posterior do que as vogais produzidas pelo grupo feminino (em rosa).



Na análise de vogais orais - em contexto - da região sul, realizada por Rauber (2008), a pesquisadora reporta o fato de o sistema vocálico de adultos do sexo feminino encontrar-se menos centralizado do que o dos adultos do sexo masculino. Na amostra do banco VORAIS analisada neste trabalho, compreendendo vogais isoladas, essa observação continua pertinente.

Nas Figuras 3 e 4 encontram-se comparados espaços vocálicos construídos a partir dos valores das vogais isoladas do dialeto pelotense (em preto), das vogais em contexto extraídas dos trabalhos de Rauber (em cinza) e das vogais do

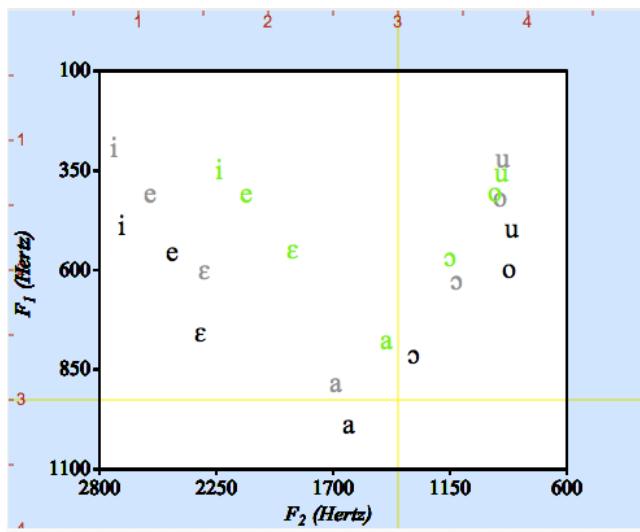


FIGURA 3: Vogais orais (i) isoladas do PB do extremo sul, em preto, (ii) em contexto da região sul (RAUBER, 2008, em cinza) e (iii) em contexto do dialeto capixaba (MIRANDA e MEIRELES, 2012), em verde. Informante do sexo feminino.

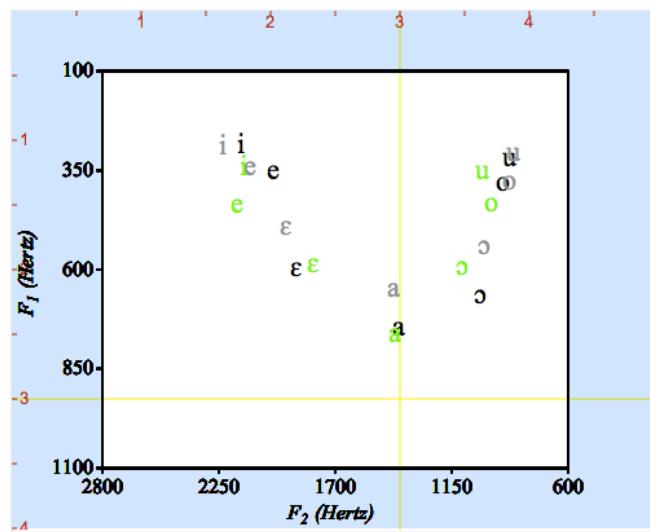


FIGURA 4: Vogais orais (i) isoladas do PB do extremo sul, em preto, (ii) em contexto da região sul (RAUBER, 2008, em cinza) e (iii) em contexto do dialeto capixaba (MIRANDA e MEIRELES, 2012), em verde. Informantes do sexo masculino.

dialeto capixaba, em (verde).

Miranda e Meireles (2012), na descrição efetuada do dialeto capixaba, reportam diferenças entre os grupos masculino e feminino com relação aos valores de F2 para as vogais altas. Ressaltam “uma possível aproximação entre [i] e [u] ou um possível distanciamento entre [e] e [o]” (p. 328) não presente nos dados do grupo feminino. Destacam, no entanto, similaridades em relação ao “espalhamento vertical da vogal [a] que, embora menos evidente, é mantido na fala feminina” (p. 328). A análise aponta uma simetria triangular do sistema vocálico capixaba. A manutenção do triângulo vocálico dos dialetos da região sul pode também ser observada, mas uma diferença entre a fala feminina e masculina pode ser verificada, principalmente, no que concerne à fala feminina, cujas vogais encontram-se produzidas em um espaço vocálico expandido. Ainda, em relação à fala feminina, há mais variação entre os dois dialetos - do sul e capixaba - em relação às vogais orais anteriores e baixa. Quanto aos dados dos grupos masculinos, essa característica não é encontrada. A produção dos informantes mantêm características acústicas muito próximas, independentes do dialeto. Esses dados parecem apontar uma tendência mais conservadora na fala dos grupos do sexo masculino, face a uma maior variação na produção das vogais analisadas nos grupos do sexo feminino.

4. CONCLUSÕES

O trabalho desenvolvido sobre o dialeto pelotense visa a contribuir na descrição da fala do locutor pelotense, incluindo essa descrição no conjunto de trabalhos acerca dos diferentes dialetos do PB. Objetiva, pois, fornecer valores de referência das vogais orais do sistema vocálico do PB do extremo sul do Brasil a fim de auxiliar a pesquisa sobre a aquisição de L1 e L2. Esta pode lançar mão das descrições propostas com o intuito de melhor observar o modo como as vogais orais são categorizadas nos diferentes dialetos do PB e nas línguas estrangeiras que locutores brasileiros visam adquirir.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KENT, R.; READ, C. *The acoustic analysis of speech*. Singular Publish Group, Inc., 1992.
- MIRANDA, I. I.; MEIRELES, A. Descrição acústica das vogais tônicas da fala capixaba. *Letras de Hoje*, v. 47, nº3, 2012.
- RAUBER, A. S. An acoustic description of Brazilian Portuguese oral vowels. *Diacrítica*, nº 22/1, 2008.
- THOMAS, E. R. *Sociophonetics: An Introduction*. Londres: Palgrave Macmillan, 2011.